

Põe-se a caminhar, escolhe, resoluto, uma das velas, percorre-a. Ouvia os passos do velho atrás de si. Parou diante de uma porta de madeira rústica. Hesitou.

— É aqui? — perguntou.

O outro não deixava de sorrir.

— Empurra a porta, está apenas entreaberta. Sobe, entra onde sabes. E espera-me.

Angelo deixou-se guiar pela certeza da voz que tinha dentro em si. Galgou duas breves rampas de escadas quase no escuro; encontrou-se diante de outra porta, ainda menor e mais baixa que a da entrada; empurrou-a, sabendo que a encontraria entreaberta. Entrou.

O aposento era grande, com as paredes em forma de pentágono. As paredes nuas, as duas grandes janelas fechadas. No aposento, apenas uma grande mesa de cedro, essa também pentagonal, exatamente no centro do ambiente. Depois três poltronas, colocadas ao abrigo de três das paredes. Sobre as poltronas, uma túnica de linho, faixas coloridas, estojos fechados por um lacre vermelho.

E sobre a mesa uma Bíblia aberta no princípio do Evangelho de João; uma espada flamejante, com empunhadura de prata; um turíbulo; faixas de pano coloridas, dois candelabros de bronze, com três pequenos braços e três velas vermelhas cada um. Depois o símbolo mágico e esotérico da ordem na qual Angelo seria dentro em pouco iniciado. Sob o símbolo, três rosas cruzadas, de pano. Uma branca, uma vermelha, uma negra.

O ambiente estava apenas aclarado, e pouco, pelas luzes de um dos candelabros, com as três velas vermelhas acesas. As do outro estavam apagadas. Angelo permaneceu em pé junto à mesa. Olhou tais objetos, que, enfim, após a leitura dos livros sagrados no

sonho, lhe diziam muito; ousou apenas tocá-los. Enquanto esperava, pôs-se a ler as primeiras linhas do Evangelho de João, que sempre o fascinara, que conseguira penetrar até em suas chaves ocultas.

Retraiu-se, quando ouviu ligeiros passos atrás de si.

O Mestre. E o seu sorriso. Entrara havia pouco, a porta estava fechada às suas costas. Envergava uma túnica de linho, a fazenda que isola e protege em todas as cerimônias iniciáticas, longa até os pés. No pescoço, trazia o símbolo mágico da ordem, de prata, com uma corrente trançada de nós templários. Nas mãos, luvas brancas, cabeça descoberta. Aproximou-se, sem deixar de sorrir, apoiou uma das mãos no ombro direito de Angelo.

— Ajoelha, mas apenas sobre o joelho direito.

Ele obedeceu, e teve início a cerimônia.

O mestre explicou ao profano o significado de cada um dos objetos que ali se viam, a sua simbologia. Depois, pegou um dos estojos lacrados, abriu-o e leu seu conteúdo num manuscrito de papel azul. Eram as antigas regras da ordem.

Abriu um outro estojo, entregou um manuscrito a Angelo a fim de que o lesse: continha sete perguntas.

— Estás disposto a responder? — pergunta-lhe o mestre.

Angelo assentiu, restituindo o manuscrito, e então o mestre acende com a chama de uma das velas as três velas do outro candelabro.

— Estas luzes para os mestres passados, para que estejam próximos neste momento.

Deitou incenso no turíbulo, purificou o aposento, girando três vezes e agitando o turíbulo três vezes para cada giro, em cada ângulo. Voltou à mesa, depôs a mão sobre a cabeça do profano, e falou.

Disse-lhe dos mistérios da ordem.